

Entre emancipação e mercantilização: a luta pela autenticidade na arte

*Between Emancipation and Commodification:
The Struggle for Authenticity in Art*

*Entre emancipación y mercancización: la lucha
por la autenticidad en el arte*

Elis Karen Rodrigues Onofre Pereira

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: elis.pereira19@uel.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1975-4238>

Eduardo Augusto Farias

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: professoreduardofarias@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7241-0530>

Marta Regina Furlan

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: mfurlan.uel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>

RESUMO

Este texto é parte da dissertação intitulada *Teoria estética, infância e experiência formativa: por uma educação humanizadora de ensino de arte na educação infantil*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância e Teoria Crítica CNPq/UEL. O foco principal é analisar os danos causados pela mercantilização da arte na indústria cultural e explorar como a arte genuína pode ajudar na emancipação dos sentidos. Baseando-se nas obras de Theodor Adorno, o texto defende que a arte é um espaço essencial para a liberdade, resistência e crítica social, permitindo um diálogo profundo sobre a condição humana e as complexidades sociais, longe da alienação promovida pela indústria cultural. O artigo em questão traz os resultados de uma

Pereira, Elis Karen Rodrigues Onofre; Farias, Eduardo Augusto; Furlan, Marta Regina. **Entre emancipação e mercantilização: a luta pela autenticidade na arte.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 15, n. 34, maio-ago. 2025

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2025.57087> >

pesquisa qualitativa e bibliográfica sobre o papel e a natureza da arte diante dos ideais iluministas de esclarecimento. Traz para discussão a questão em torno da apropriação capitalista da arte e da função de entretenimento que ela assumiu. O tratamento dessa questão se deu por uma abordagem que caracterizou a sociedade administrada sob a égide da razão instrumental em busca de controle e lucro e, em um segundo momento, pela defesa do papel da arte como lugar de resistência e de criatividade perante a standardização promovida pela indústria cultural. Esta articulação textual e argumentativa se destaca como essencial para sustentar a tese da arte como emancipação diante da mercantilização a que está submetida. A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa fundamentada em um estudo bibliográfico sobre teoria estética e formação humana, destacando que a arte é central para a liberdade humana, capacitando o indivíduo a desenvolver uma visão crítica da realidade.

Palavras-chave: *educação; emancipação; mercantilização; arte.*

ABSTRACT

This text is part of the dissertation entitled *Aesthetic theory, childhood and formative experience: for a humanizing education in art teaching in early childhood education*, linked to the Postgraduate Program in Education and the Study and Research Group on Education, Childhood and Critical Theory CNPq/UEL. The main focus is to analyze the damage caused by the commodification of art in the cultural industry and to explore how genuine art can help in the emancipation of the senses. Based on the works of Theodor Adorno, the text argues that art is an essential space for freedom, resistance and social criticism, allowing a deep dialogue about the human condition and social complexities, far from the alienation promoted by the cultural industry. The paper in question presents the results of a qualitative and bibliographical research on the role and nature of art in the face of Enlightenment ideals of enlightenment. Bringing to discussion the issue around the capitalist appropriation of art and the entertainment function it has assumed. This issue was addressed through an approach that characterized society as administered under the aegis of instrumental reason in search of control and profit and, in a second moment, by defending the role of art as a place of resistance and creativity in the face of the standardization promoted by the cultural industry. This textual and argumentative articulation stands out as essential to support the thesis of art as emancipation in the face of the commodification to which it is subjected. The research uses a qualitative methodology based on a bibliographic study on aesthetic theory and human formation, highlighting that art is central to human freedom, enabling the individual to develop a critical view of reality.

Keywords: *education; emancipation; commodification; art.*

RESUMEN

Este texto forma parte de la tesis titulada *Teoría estética, infancia y experiencia formativa: por una educación humanizadora en la enseñanza del arte en la educación infantil*, vinculada al Programa de Posgrado en Educación y al Grupo de Estudio e Investigación en Educación, Infancia y Teoría Crítica del CNPq/UEL. El objetivo principal es analizar los daños causados por la mercantilización del arte en la industria cultural y explorar cómo el arte genuino puede contribuir a la emancipación de los sentidos. Basado en la obra de Theodor Adorno, el texto argumenta que el arte es un espacio esencial para la libertad, la resistencia y la crítica social, permitiendo un diálogo profundo sobre la condición humana y las complejidades sociales, lejos de la alienación promovida por la industria cultural. El artículo presenta los resultados de una investigación cualitativa y bibliográfica sobre el papel y la naturaleza del arte frente a los ideales de la Ilustración. El objetivo es debatir la cuestión de la apropiación capitalista del arte y la función de entretenimiento que este ha asumido. El tema se abordó mediante un enfoque que caracterizaba la sociedad como administrada bajo la égida de la razón instrumental en busca de control y lucro, y, en segundo lugar, defendiendo el papel del arte como espacio de resistencia y creatividad frente a la estandarización promovida por la industria cultural. Esta articulación textual y argumentativa resulta esencial para sustentar la tesis del arte como emancipación frente a la mercantilización a la que se ve sometido. La investigación utiliza una metodología cualitativa basada en un estudio bibliográfico sobre teoría estética y formación humana, destacando que el arte es fundamental para la libertad humana, permitiendo al individuo desarrollar una visión crítica de la realidad.

Palabras clave: *educación; emancipación; mercantilización; arte.*

Data de submissão: 23/01/2025

Data de aprovação: 06/07/2025

Introdução

A pretensão deste texto é apontar de modo reflexivo os prejuízos causados pela indústria cultural, sob a ótica da Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer, baseados na *Dialética do esclarecimento* (1985). A razão iluminista reduziu o conhecimento a uma perspectiva técnica e prática, negligenciando sua capacidade autorreflexiva. O saber tornou-se um símbolo de poder e dominação, sendo representado pela indústria cultural, que molda o pensamento, coisificando as ações humanas em

função do lucro. Adorno (1995) sugere que a educação pode ser uma forma de superar essa reificação do saber e do poder. Assim, em vez de promover a emancipação, o processo de esclarecimento tem contribuído para a dominação, no qual o conhecimento é utilizado para subjugar os outros, resultando em um totalitarismo, utilitarismo e reificando o saber em detrimento do poder.

A mistificação das massas se torna o poder esclarecedor da ciência e a indústria cultural emerge como um personagem central, prevalecendo a reificação do pensamento humano, ludibriando as pessoas com suas pseudoverdades e transformando-as em peças do sistema capitalista. Dessa forma, ela passa a ditar como o indivíduo deve se comportar, agir e pensar. Nesse contexto de aparente racionalidade, o ser humano acaba mergulhado em uma irracionalidade, não lhe cabendo mais a própria decisão da sua subjetividade.

Nesse sentido, a arte passa a ser impulsionada pelos interesses mercantis lucrativos, colocando em risco a subjetividade e a criatividade, que são essenciais ao ato artístico. Por isso, Adorno e outros pensadores da Escola de Frankfurt, fundamentados nos escritos teóricos das obras marxistas, analisaram as formas estéticas e a história da arte em sua totalidade, circunstância da qual emergiu o conceito de fetichismo da mercadoria e a crítica à indústria cultural como categorias essenciais de discussão, especialmente no contexto da configuração da arte e da cultura dentro da sociedade administrada, que se orienta pela adaptação humana aos limites da lógica mercantil.

No enquadramento da indústria cultural, a arte perde seu valor de experiência estética, como sugere Adorno (1970), e a produção em larga escala, transforma o valor do uso em questionável, pois a oferta excessiva de produtos torna escassa e massiva sua utilidade, fazendo da arte uma tendência da moda e um fetiche da sociedade administrada.

Ao considerarmos isso, o que resta é o caráter fetichista das mercadorias, levando a uma regressão ao fetichismo primitivo que está na origem da arte. Isso significa que, em vez de apreciarmos a arte em sua essência e nos conectarmos com experiências profundas, caímos em um padrão em que a arte é tratada como uma mercadoria comum.

O conceito de “paródia da aparência estética” é responsável por atrair consumidores, sem que haja um valor intrínseco no que está sendo oferecido, apenas um produto a ser consumido superficialmente. Assim, a autorreflexão se vê abalada à medida que a sociedade capitalista se desumaniza por conta da razão instrumental e da forte influência da indústria cultural na formação humana.

Diante disso, pensar sobre a arte como produto mercadológico é compreender que sua autenticidade se encontra esvaziada, estando a serviço do capital. Portanto, buscaremos olhar como se constituiu o conceito de esclarecimento para entender a que ponto chegamos enquanto humanidade, neste período do pensamento contemporâneo, utilizando a Teoria Estética (1970), a partir dos escritos de Theodor Adorno, Horkheimer e demais pensadores da Escola de Frankfurt, a fim de compreender a arte como uma possibilidade de emancipação e resistência.

Entre razão e mito: a dinâmica da sociedade administrada

O conceito de razão e mito, fundamentada no texto *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer (1985), nos apresenta uma discussão na qual os autores consideram que a sociedade contemporânea é regida pela instrumentalização da razão e provoca nos indivíduos um pensamento conformista em relação à totalidade da ação humana. Neste molde, os indivíduos são incapazes de pensar e refletir, pois abandonam sua própria essência, tomada de consciência e autorreflexão, se adaptando a servir à sociedade administrada pelo formato da lógica instrumental, na qual a racionalidade é utilizada como um meio de controle social, levando à conformidade e à perda da autonomia crítica.

Entretanto, o esclarecimento é concebido como a libertação dos indivíduos do medo, priorizando o conhecimento em vez da imaginação, que passou a ser desvalorizada. Nesse cenário, a razão é considerada o único meio válido para estabelecer verdades, enquanto outros tipos de saber, que não se baseiam na técnica, são vistos como meros mitos. A suposta superioridade humana reside no controle sobre a natureza e suas leis; apesar disso, essa submissão e a constante tentativa de dominá-la têm se mostrado uma forma de degradação da condição humana. Desse modo, Adorno e Horkheimer (1985, p. 38) discorrem que “os homens sempre tiveram que escolher entre

submeter-se à natureza ou submeter-se à natureza ao eu". A partir do momento em que o ser humano descobre os mecanismos de dominação e aplica seu conhecimento sobre a natureza, a condição de subserviência se transforma em uma relação de poder e superioridade.

Neste sentido, Horkheimer (2015, p. 39) explicou que:

Toda ideia filosófica, ética e política – cortados os laços que a relacionavam com suas origens históricas – tem uma tendência a tornar-se o núcleo de uma nova mitologia, e essa é uma das razões pelas quais o avanço do esclarecimento tende, em certos pontos, a inverter-se em superstição e paranoia.

Freitas (2008, p. 17) complementa o pensamento apontando que: "Assim, podemos dizer que não só o mito já é esclarecimento, como este regride sempre à mitologia". Essa regressão apresenta-se de maneira que parece imune às investidas do capitalismo, principalmente em relação à esfera dos bens culturais, em especial no âmbito artístico.

Com a ascensão do conceito de esclarecimento, a ciência substitui o mito, visto que a crença em elementos míticos reflete uma incapacidade de abordar os fenômenos de maneira objetiva. Por meio de métodos científicos, é possível comprovar e explicar tanto as formas quanto os fenômenos naturais e abstratos. Enquanto isso, o pensamento mitológico buscava interpretar os mistérios da natureza, recorrendo à magia, aos deuses e à espiritualidade, caracterizando um conhecimento mimético que tentava dar sentido ao inexplicável. Freitas (2008, p. 12) afirma que:

A magia já pode ser considerada uma forma de técnica para estabelecer uma relação favorável com os deuses, mas com a importante diferença de que isso é feito através de imagens, símbolos, gestos, cantos, que mostram que a relação entre os homens e os deuses não é mediada pela abstração conceitual, mas pela proximidade imagética, simbólica; o que configura aquilo que podemos denominar de mimesis [...] A concepção mítica do mundo tem uma característica bastante marcante, que é a eterna remissão de todo ser e todo acontecer à origem mágica e ancestral.

Dessa forma, Adorno e Horkheimer (1985) ressaltam que nenhuma resposta deverá ser dada por ideias ilusórias de forças superiores ou místicas, ou ainda por supostas forças ocultas. Qualquer coisa que não possa ser avaliada com base em critérios de previsibilidade é vista com desconfiança dentro do contexto do esclarecimento, ou seja, o que não se encaixa em uma lógica racional e

prática é considerado duvidoso para o entendimento objetivo da realidade. Tudo precisa ser calculado, deduzido, respondido pela ciência para se tornar um saber, o que se designou como um novo mito.

Neste caso, os aparatos técnicos, legitimados pela modernidade, se transformam em um terreno de exploração sistemática. O conhecimento passa a ser imposto por indivíduos considerados esclarecidos e civilizados, que se apropriam do saber e do controle com o objetivo de exercer dominação. O que sustenta essa atrocidade perpetrada pela civilização moderna é o fato de que ela surgiu após o Iluminismo. Este movimento se desenvolve com a razão, representado como a luz que não deve deixar nada oculto, devendo libertar o sujeito. O homem deveria ser destemido em sua busca por conhecimento, conseguindo, assim, destruir todos os mitos com seu esclarecimento.

Portanto, a racionalidade técnica conduziu o ser humano a um novo ciclo de mito e alienação em relação a seu próprio conhecimento. Como aponta Adorno (2002, p. 9), “a racionalidade técnica atualmente representa a própria dominação, refletindo o caráter repressivo de uma sociedade que se auto-aliena”. No entanto, a primazia da razão sobre as técnicas transformou o homem em prisioneiro de si mesmo, aprisionado pela regressão do esclarecimento e impulsionado pela força do capital, que se tornou o novo mito contemporâneo. Segundo Campos (2021), a razão perdeu seu foco na reflexão e nas condições essenciais da vida, tornando-se uma razão instrumental, cujas técnicas visam apenas o lucro. O indivíduo, que antes buscava realizar os ideais iluministas de domínio sobre a natureza, acabou se tornando objeto de seu próprio desejo dominante.

A grande problemática levantada por Adorno e Horkheimer (1985) é como diante de tamanho conhecimento, avanços científicos e aparatos tecnológicos, os homens não se emanciparam, e, justamente ao contrário, enfrentamos o século com os maiores índices de barbáries e atrocidade humanas. Eles vão constatar que o esclarecimento ficou “[...] paralisado pelo temor da verdade [...] a verdade não significa meramente a consciência racional, mas, do mesmo modo, a figura que esta assume na realidade efetiva” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 13). Ou seja, o homem tornou-se petrificado diante dos fatos.

Assim, seu modo de pensar fica sob a influência de outrem, sem a disposição de questionar o que lhe é apresentado. O homem perdeu seu dinamismo e a capacidade de reflexão, tornando-se apenas um receptor passivo e inerte. A racionalidade técnica contemporânea, alicerçada no capitalismo e iluminada pela ciência positivista, deveria ter proporcionado uma vida digna aos seres humanos. Contudo, devido ao seu desenfreado crescimento, acabou por mercantilizar até mesmo as relações interpessoais, reduzindo tudo e todos a meros objetos em função do poder.

Todavia, o conceito de esclarecimento defendido por Adorno e Horkheimer (1985) fundamenta a análise sobre a chamada mistificação das massas. O processo de racionalização do mundo ocidental, nomeado de indústria cultural¹, compreende a produção da cultura em valor de mercadoria e prioriza o lucro, em detrimento da subjetividade e criatividade humana. Por esta razão, tudo está previamente determinado e organizado para permanecer igual. Adorno (2002, p. 29) explicita que “nada deve permanecer como era, tudo deve continuamente fluir, estar em movimento. Pois só o triunfo universal do ritmo de produção e de reprodução mecânica garante que nada mude”. Isso é, não há nada novo, tudo pode ser encaixado. Nesse sistema, a criatividade precisa é inutilizável, uma vez que a própria indústria já define quais são os critérios e padrões dos estéticos úteis.

Sobre essa questão, Freitas (2008, p. 20) evidencia que “[...] a Indústria Cultural recalca, reprime, a imaginação, fazendo as pessoas terem a satisfação de anular sua capacidade criativa, que sempre envolve prazer pelo esforço, pela atividade mental”. Ao suprimir as faculdades criativas e subjetivas dos indivíduos, a indústria cultural cresce e se fortalece à medida que desconfigura a essência humana, do sentir e pensar sobre si e sobre o mundo.

A experiência estética, da arte, se torna ameaçada pelas regras do mercado e da lógica do consumo, resultando em um processo de adaptação, identificação e negociação de significados por meio da padronização dos produtos, alinhada à superficialidade na vida gerida pelo capitalismo tardio. De certa maneira, o indivíduo é influenciado pela indústria cultural, que, de forma fetichizante, impõe um padrão de vida, comportamento, imagem e estética. Na maioria das vezes, isso deixa pouco ou quase nenhum espaço para a autonomia do pensamento crítico e expressivo (Oliveira; Pestana, 2021).

No entanto, se associarmos a indústria cultural e a arte, é possível observar uma perda significativa da função desta última enquanto resistência, estranhamento, crítica, liberdade de pensamento e expressão. A arte, sob os moldes da indústria cultural, se torna refém de um processo de padronização, mercantilização e estandardização. Nessa conjuntura, se destaca a contundente crítica de Adorno (2002, p. 9) sobre “[...] a falsa identidade do universal e do particular”, já que se presume que o indivíduo e o todo se encontram reconciliados por meio da lógica do consumo e da mercadoria. Assim, a arte transforma-se em produto e mercadoria, levando os indivíduos a buscarem deliberadamente sua aquisição como forma de inserção na sociedade do consumo; ou seja, como um meio de se sentirem parte de uma totalidade da qual não desejam estar completamente isolados ou excluídos.

Consequentemente, a arte mercadorizada passa a ser uma representação de um contexto claramente marcado pelos padrões sociais e políticos vigentes. Nesse sentido, veicula-se pela lógica do consumo e descarta qualquer possibilidade de reflexão crítica, artística e filosófica que poderia emergir desse contexto.

Esse esvaziamento funcional dos produtos elaborados pela indústria cultural tem cumprido seu papel com eficácia, pois o consumidor, distraído pela estética da mercadoria, tem se apropriado cada vez mais desse vazio existencial. Haug (1997, p. 48) exemplifica essa dinâmica ao afirmar que “ele é e não é o que é, como a obra de arte surrealista”. Dessa forma, o aspecto emancipatório da racionalidade é relegado a um segundo plano, enquanto se acentua a razão instrumental, que busca o domínio técnico e científico da natureza. Para Adorno (2002, p. 9), a indústria cultural “se desenvolveu com a primazia dos efeitos, da performance tangível e do particular técnico sobre a obra”, que outrora trazia consigo uma ideia intrínseca que agora é diluída. O particular, ao se emancipar, se tornou rebelde e se erigiu, desde o Romantismo até o Expressionismo, como expressão autônoma em revolta contra a organização estabelecida.

A arte fundamentada na racionalidade técnica, também conhecida como sociedade administrada, transforma objetos, pessoas e culturas em meras coisas. Por conseguinte, a própria arte se encaixa como mercadoria produzida em larga escala para fins de dominação e lucro. No século XX, a produção em massa dos meios de comunicação, como rádio, cinema e programas de televisão, favoreceu monetariamente grandes investidores e moldou os desejos do público.

No que se refere ao processo de mercadorização da arte, é crucial atentar ao fato de que este desvia o caminho da autorreflexão defendido por Adorno. Ele percorre a lógica da mercadoria e do consumo, sujeitando-se à racionalidade instrumental e resultando em um processo de formação danificada ou semiformação². A arte presente na esfera capitalista forja um pensamento comprometido; em vez de permitir que os indivíduos desenvolvam uma experiência crítica, sensível e expressiva como forma autônoma e livre, eles tornam-se escravos das obras de arte consagradas e dos nomes comercializados pela mídia e da propaganda. Transformam-se em vítimas do atrofiamento da consciência crítica principalmente porque suas escolhas não são livres; ao contrário, já estão previamente determinadas pela indústria da arte e do consumo.

Sendo assim, o esclarecimento se tornou uma forma de obscurantismo intelectual, pois deter o saber é o modo de demonstração de poder e de manipulação fetichizante da indústria cultural. O papel do indivíduo se limita à preservação do sistema capitalista, que ocorre por meio de seu próprio processo de coisificação, o que, de certa maneira, direciona para uma nova forma de barbárie.

Pucci (2001) argumenta que, em uma sociedade danificada, existem chances de que surjam manifestações de barbárie em todas as esferas de formação. No entanto, a Teoria Estética de Adorno oferece uma possibilidade de conceber um processo formativo que promova a autorreflexão crítica, devendo esse desenvolvimento iniciar desde a primeira infância como um esclarecimento geral.

A possibilidade de desbarbarização se abre através da educação e do desenvolvimento humano. O processo da experiência formativa estética deve começar especialmente na infância. Isso serve como uma promoção do novo, do belo e do diferente, por meio da consciência crítica e da sensibilidade apurada do conhecimento. Além disso, esse direcionamento pode se aproximar de uma educação que promove a autonomia, como Adorno (1995) sugere, fortalecendo o indivíduo em seu percurso formativo para resistir à pressão da coletividade em detrimento do particular.

Ao seguir o caminho da arte, que se afasta da indústria e da mercantilização das coisas, é possível abraçar uma educação que fomente a construção da história e o contato com o outro, que não é idêntico nem igual (Adorno, 2002). Portanto, a experiência formativa implica compreender o

presente como um momento histórico, rejeitando qualquer predestinação imposta pela história. Isso significa se libertar das limitações do que já foi determinado pela sociedade cultural e educacional, atribuindo ao processo emancipatório a capacidade de romper com as condições objetivas que perpetuam o passado.

Distante da indústria cultural, a consciência envolve um pensamento em que o indivíduo acolhe o mundo e se relaciona por uma crítica imanente. Esse processo de distanciamento é, na verdade, uma irreconciliação entre o sujeito e o mundo formado por essa base educacional, cuja referência reside na experiência estética e na arte como meios de superar a coisificação e a lógica instrumental promovida pela indústria cultural. Assim, Adorno afirma em sua Teoria Estética (1970, p. 19) que “a arte é a antítese social da sociedade, e não deve imediatamente deduzir-se desta”. Por esse motivo, ela é um contraponto às normas, valores e estruturas dominantes da sociedade. Enquanto a sociedade busca conformidade, ordem e previsibilidade, a arte é um espaço de liberdade, expressão individual e inovação, pois desafia as convenções, provoca reflexões, questiona o status quo, agindo como uma força vital para a emancipação humana.

A arte como território da educação, contestação e sensibilidade

As contribuições realizadas por Adorno em torno da educação são valiosas, principalmente porque sua preocupação se baseava no conceito da omnilateralidade³; em outras palavras, a formação integral do ser humano. Aqui, compreendemos que arte desempenha um papel crucial no autoconhecimento e na reflexão, facilitando a conexão entre nossa essência e a natureza. De acordo com Silva e Oliveira (2017), esse processo de integrar nossas experiências sensoriais e emocionais com uma compreensão racional do mundo natural nos ajuda a reconhecer a interdependência que compartilhamos com ele. Essa reconciliação não apenas aumenta nossa consciência sobre as repercussões de nossas ações no meio ambiente, mas também nos permite apreciar de maneira mais profunda a beleza e a complexidade da natureza ao nosso redor.

Nesse sentido, é através da promoção de uma relação equilibrada entre os elementos sensoriais, perceptivos e racionais, da arte e da autorreflexão que nos tornamos mais abertos à emancipação. Isso não implica rejeitar a razão; pelo contrário, trata-se de expandir o entendimento para incluir diversas formas de conhecimento, criando uma harmonia entre o raciocínio lógico e outras dimen-

sões da experiência humana. Silva e Oliveira (2017) destacam que, ao adotar essa abordagem, conseguimos desenvolver uma visão mais abrangente e integrada da realidade, que valoriza tanto as experiências subjetivas individuais quanto as universais. Essa perspectiva representa um retorno às interações entre o ser humano e a natureza, entre sujeito e objeto, promovendo uma libertação de qualquer forma de aprisionamento.

Diante disso, a emancipação é entendida como “[...] uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser” (Adorno, 1995, p. 181). Isso significa que é um esforço contínuo do indivíduo para alcançar esse estado, o qual deve ser incentivado desde a infância por meio da promoção da emancipação e da autonomia no pensamento, como sugere Adorno. Essa busca não é uma utopia, mas uma característica intrínseca do ser humano, que anseia por entender a verdade. No entanto, ela se torna desafiadora devido à maneira como a verdade é frequentemente mistificada. Tal mistificação pode, em contrapartida, ser considerada utópica, pois leva os indivíduos a se projetarem e se adaptarem a uma realidade distorcida, dominada pelos avanços tecnológicos e pela incessante busca por lucro. Esse cenário faz com que muitos se esqueçam da verdade, que sempre foi o fundamento e o motor do pensamento humano.

Sobre a adaptação, Adorno (1995) fala que não se pode perder a individualidade por um conformismo que padroniza. A complexidade dessa tarefa está em encontrar um equilíbrio. Por um lado, precisamos de um sistema educacional que promova a inclusão e a adaptação ao coletivo; por outro, é essencial que essa adaptação não venha à custa da singularidade de cada indivíduo. Um sistema educacional que funcione apenas para este último pode resultar em uma falta de coesão social, no qual as habilidades coletivas e a empatia são negligenciadas. A adaptação é uma consciência da realidade e deve estar vinculada: “[...] entre teoria e prática, não pode por assim dizer ser tratada em nível universitário, mas precisa ser realizado a partir da primeira educação infantil mediante uma educação permanente durante toda a vida” (Adorno, 1995, p. 146).

As verdadeiras experiências seriam aquelas em que o indivíduo dispusesse de verdadeira consciência, a faculdade de julgar sua própria realidade, pois a consciência para Adorno não está reduzida somente a capacidade de pensar, mas “[...] é o pensar em relação à realidade [...]” (Adorno, 1995, p. 151). Dessa forma, as experiências contribuiriam para o aumento da reflexão, sendo o próprio conteúdo para a realização desta. “Sem aptidão à experiência não existe propriamente um

nível qualificado de reflexão” (Adorno, 1995, p. 150). Por exemplo, a barbárie de uma guerra tem uma reflexão numa falsa experiência, ou melhor, estereotipada, já que alguém definiu que um determinado povo seja inferior e por isso deve ser aniquilado; os outros, sem comprovarem isso na experiência real, aderiram a tal reflexão, que na verdade é uma irreflexão. “Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação” (Adorno, 1995, p. 151).

Agindo com prudência e sensatez, Adorno (1995) destacou a complexidade da realidade em relação à emancipação, afirmando que a concretização desse conceito dentro da atual organização social é uma contradição. Ele argumenta que ninguém pode viver de acordo com suas próprias determinações, pois estamos imersos em um estado de heteronomia, o que pode fazer com que o discurso pareça vazio. Essa situação se torna mais clara quando percebemos que habitamos uma época esclarecida, e não um período de esclarecimento completo; essa construção ainda está em andamento, em um processo de “vir-a-ser”. Apesar de reconhecermos essa contradição, que às vezes parece utópica, preferimos nos apegar às palavras de Adorno (1995, p. 202): “Aquele que quer transformar, provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter essa impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que pensa e faz”.

Agir diante da própria impotência, em vez de se deixar paralisar pela sensação de fraqueza, é reconhecer essa condição como um ponto de partida para a resistência e a ação. Ao aceitarmos nossa vulnerabilidade, encontramos no autoconhecimento a coragem necessária para agir. Propomos, portanto, esse espaço por meio da arte para explorar novas formas de expressão; mesmo ações pequenas podem ter impactos transformadores.

Nessa lógica que oscila entre a atrocidade e um conformismo, seja individual ou externo, há um potencial revolucionário na reeducação dos sentidos, visando a emancipação. Esse percurso deve ser iniciado na infância, por meio da formação. Ao nos nutrirmos de arte, a própria existência adquire significado; trata-se de um processo dialético de movimentos contínuos, em formato espiral, que nos impede de retornar ao mesmo ponto de partida. Com o progresso impulsionado pela autorreflexão, conseguimos sempre avançar em novas direções, despertando pensamentos, desejos, prazeres e conhecimentos que enriquecem nossa vida.

Mediante essas condições, Adorno (1995), em debate com Becker, concorda que uma educação emancipatória requer a superação do conceito de talento, especialmente quando este é visto como algo virtuoso ou natural. Ambos os autores reconhecem que há estudos que demonstram a possibilidade de aprender habilidades. Contudo, para que isso se transforme em uma educação voltada para a emancipação, é crucial superar as estruturas de desigualdade social e garantir a todos acesso a oportunidades formativas desde a pré-escola.

Uma educação que visa combater a alienação deve fortalecer o período de descoberta e compreensão do mundo, utilizando a arte como um elemento integrador da criatividade e da imaginação. Adorno (1995) discute a eficácia de uma educação emancipada ao abordar a espontaneidade como parte do processo de conscientização infantil. Baseando-se em princípios da psicologia do desenvolvimento, ele afirma que “a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância” (Adorno, 1995, p. 121). Assim, Adorno defende a intervenção educacional desde os primeiros anos de vida para evitar o engessamento e a alienação promovidos pela cultura.

A desintegração desses mecanismos de alienação está ligada ao processo de conscientização e aceitação. À medida que os indivíduos reconhecem e lidam com essas repressões, eles se libertam de padrões de comportamento antes rígidos, o que lhes permite vivenciar emoções e situações de maneira mais autêntica e enriquecedora. Adorno (1995) ressalta que, para alcançar um nível qualificado de reflexão, é necessário um aumento nas habilidades e na experiência.

Nesse contexto, o desafio consiste em educar para o pensamento, uma vez que este está intimamente relacionado à crítica social e à formação do indivíduo. O pensamento vai além da formalidade imposta e objetiva; trata-se da capacidade de vivenciar experiências. A Teoria Estética surge como uma forma de refletir e vivenciar na prática para além do conceito dominante da razão, ou seja, é um convite para expandir a compreensão do mundo por meio da integração de diferentes formas de conhecimento e experiência.

Os elementos presentes na arte, resultantes das experiências vividas, oferecem uma nova percepção do mundo através das emoções, sensações e intuições que muitas vezes não podem ser completamente expressas pela lógica ou pela razão. Esses aspectos são, em algumas situações,

indescritíveis. O caráter perceptivo enriquece a experiência ao incluir a interpretação e o significado que atribuímos às nossas vivências. Essa relação dinâmica entre o sensível e o perceptivo nos possibilita construir uma visão mais complexa da realidade.

Consideramos prejudiciais os efeitos do controle ideológico que restringe a criatividade, a autonomia e a liberdade, especialmente das crianças. Reconhecer as ilusões que fragilizam e fragmentam a experiência tanto dos pequenos quanto dos profissionais da educação é uma maneira de responder de forma consciente à sociedade dominada pela razão instrumental. Em outras palavras, como aponta Marcuse (1975), isso representa uma busca pela libertação das condições existenciais desumanas.

Por meio da estética, temos a oportunidade de revelar a tendência regressiva da estrutura social, que instrumentaliza a arte para fomentar o mercado e justificar sua dominação persistente. Marcuse (1975) argumenta que a função estética deve ser compreendida como um princípio que regula toda a experiência humana, e somente conseguirá desempenhar esse papel se se tornar algo universal, visto que:

A experiência em que o objeto é assim “dado” é totalmente diferente tanto da experiência cotidiana como da científica; todos os vínculos entre o objeto e o mundo da razão prática e teórica são cortados ou, melhor, suspensos. Essa experiência, que propicia ao objeto o ser livre, é obra do livre jogo da imaginação. Sujeito e objeto tornam-se livres em um novo sentido [...] A sua “forma pura” sugere uma “unidade da multiplicidade”, uma harmonia de movimentos e relações que opera segundo suas próprias leis – a pura manifestação seu “estar-aí”, de sua existência. É esta a manifestação da beleza (Marcuse, 1975, p. 159).

No entanto, os estudos de Adorno indicam que, na sociedade administrada, a estética é vista como algo supérfluo, visto que seu conceito foi distorcido e reduzido a mero divertimento e entretenimento, transformando-se em um produto a ser consumido. Para o capital, a arte deve ser apenas intuitiva, sem espaço para reflexão. Assim, uma relação autêntica entre arte e experiência deveria promover uma formação da consciência que não considera a arte como um bem de consumo, mas sim como um meio de resistência. Adorno (1970, p. 254) reforça que “a arte só se mantém em vida através da sua força de resistência; se não se reifica torna-se mercadoria”.

Os estudos de Adorno (1970) também sugerem a superação do conceito hegeliano de estética, que previu o fim da arte com sua filosofia, pois não admitiu a possibilidade de uma nova arte adaptada aos tempos contemporâneos. Para ele, a arte era uma forma de expressão superior, na qual o Espírito se manifestaria por formas sensíveis, desenvolvendo-se como parte de um processo histórico totalizante. Isso é o que Adorno (2018, p. 108) explica:

A estética de Hegel se diferenciou daquela meramente formal pela sociedade [...] associou a arte à consciência das necessidades. Aquele que primeiramente anteviu um fim da arte [...] que o momento do espírito seja, porém, imanente às obras de arte, quer dizer não deve ser equiparado ao espírito que as produziu, nem mesmo ao espírito coletivo da época [...] por meio da resistência do material artístico, por meio de seu postulado próprio, por meio de modelos e modo de experiências historicamente contemporâneos, elementares já num espírito que, resumindo e desviando de Hegel, pode ser chamado de objetivo, de modo que sua redução ao espírito subjetivo se torna superada.

Adorno discute a superação do conceito hegeliano ao reconhecer a complexidade da arte na sociedade moderna, amplamente marcada pela alienação, mercantilização e por diversas contradições nas esferas sociais, políticas e individuais. Ele também reflete sobre o direito da arte de continuar existindo (Adorno, 2018). Enquanto Hegel via a arte como parte de um processo de totalização e realização do espírito absoluto, Adorno considera a arte uma forma de resistência à totalidade, oferecendo uma crítica profunda à sociedade. Portanto, o “direito da arte em continuar a existir” representa um ponto de superação do pensamento hegeliano, já que a arte é um grito de liberdade que aborda temas complexos e desafiadores. Ela é o espaço primordial para o exercício da expressão artística e deve ser preservada, uma vez que desempenha um papel crucial no avanço do pensamento crítico e na autorreflexão sobre as condições humanas.

Diante disso, a experiência estética se torna formativa quando oferece meios para o questionamento. É alarmante não observarmos a sociedade ou a escola sem nos incomodarmos com a falta de sensibilidade e afetividade, com padrões seguidos rigidamente sem qualquer contestação. Currículos que não incluem a arte como parte do conteúdo programático, a banalidade com que as obras culturais são apresentadas e a maneira como se trabalha com as crianças, sem explorar sua fruição, performance, criação, apreciação e percepção, são verdadeiramente desconcertantes. Seguir uma lógica fria que coisifica tudo e instrumentaliza até mesmo o pensamento em nome de um formalismo racional é preocupante.

Por isso, a arte é esse território que desordena os padrões da indústria cultural, ela é o sopro que ressoa diante do caos. Adorno (1970, p. 27) diz que “o comportamento contemplativo perante as obras de arte, extirpado dos objetos da ação, se experimenta como denúncia de uma práxis imediata e, por conseguinte, como algo também prático, como resistência a envolver-se”.

A educação, por essa razão, não deve ser uma forma de moldar indivíduos, porque “não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior” (Adorno, 1995, p. 141). É fundamental considerar a individualidade de cada ser humano; não se trata apenas da mera transmissão de conhecimentos, mas sim da produção de uma consciência autêntica (Adorno, 1995, p. 141). Essa consciência está ligada à política. Ou seja, uma democracia deve não só funcionar, mas operar de acordo com seu conceito, exigindo pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser concebida como uma sociedade composta por indivíduos emancipados (Adorno, 1995, p. 142).

A consciência reificada pretende reconquistar como substituto do que ela recusa aos homens na imediatidade sensível, aquilo que não tem lugar na sua esfera. Enquanto a obra de arte excita aparentemente o consumidor pelo seu caráter sensual, ela torna-se-lhe estranha, alienada: transforma-se em mercadoria, que lhe pertence e que ele receia constantemente perder (Adorno, 1970, p. 25).

Assim, o objetivo da experiência estética é proporcionar a expansão dessa consciência dos indivíduos, por meio da educação dos sentidos, buscando aproximar as formas de reconectar essa experiência sensível, valorizando a arte como um objeto de consumo e como um veículo de expressão e conexão humana. Por fim, a arte se apresenta como uma ferramenta crucial para resgatar a subjetividade e fomentar um engajamento crítico com o mundo que nos cerca. Essa abordagem nos convida a reconsiderar o papel da autorreflexão em nossas vidas, ressaltando sua habilidade de questionar normas sociais e promover uma verdadeira libertação dos sentidos, além de uma valorização autêntica das experiências pessoais.

Considerações finais

A arte é uma forma de resistência diante das contradições que a sociedade impõe e perpetua, especialmente em relação às condições fetichizantes que a reduzem a mercadoria. Ela representa a esperança de um autoconhecimento e de uma humanidade mais consciente, funcionando como uma ponte que nos liga à liberdade e à emancipação.

A crítica de Adorno à indústria cultural e à mercantilização da arte reflete como a arte se transforma em mercadoria, tornando-se um fetiche dessa indústria cultural, na qual sua autonomia é afetada pelo estado de heteronomia, prejudicando sua função transformadora. Ao uniformizar as experiências artísticas e adaptá-las às exigências do mercado, a possibilidade de uma experiência estética autêntica é comprometida. Nesse contexto, a arte perde sua capacidade de promover a transformação individual em direção à emancipação, limitando-se a reforçar a lógica do consumo e a cultura de massa.

Neste artigo, a contribuição da Teoria Estética foi fundamental para entendermos a arte como uma forma de resistência às condições impostas na sociedade, especialmente no contexto da educação. A partir das perspectivas estéticas de Adorno, vislumbramos a possibilidade de emancipação intelectual e a capacidade de pensar e agir de forma autônoma através de uma arte que humaniza o ensino. Em vez de se conformar com formas de pensamento padronizadas que promovem o silenciamento e a passividade, o grande desafio é educar indivíduos capazes de questionar e transformar a realidade ao seu redor, contribuindo significativamente para a sociedade.

Em resumo, a arte deve resistir à lógica imposta pela indústria cultural, agindo como um instrumento de emancipação. Por meio da crítica e da reflexão, é viável fomentar a autonomia intelectual e emocional dos indivíduos, transformando-a em uma poderosa ferramenta para formar cidadãos reflexivos, sensíveis e críticos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética** [Ästhetische Theorie]. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 4. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. **A arte e as artes**: primeira introdução à teoria estética. Tradução de Rodrigo Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CAMPOS, Ítalo M. Uma análise do capítulo “O conceito de esclarecimento” da Dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer. **Sapere Aude**, v. 12, n. 23, p. 293-301, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2021v12n23p293-301>.

FREITAS, Verlaïne. **Adorno e a arte contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HAUG, Fritz Wolfgang. **Crítica da estética da mercadoria**. Tradução de Erlon José Paschoal. Colaboração de Jael Glaucê da Fonseca. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LOURENÇO, Edvaldo Sant’ana. Omnilateralidade e a formação social do sujeito: desafios e perspectivas laborais para a sociologia da educação. **REP’s**, v. 9, n. 3, p. 1199-1217, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.30681/rep.v9i3.10100>.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de; PESTANA, Guiomar Gomes Pimentel dos Santos. A experiência que revela: indústria cultural e semiformação na educação da infância. **Imagens da Educação**, v. 11, n. 1, p. 156-178, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v11i1.47504>.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Educação para a formação emancipatória do indivíduo: contribuição da teoria estética. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN, 4., 2017, Buenos Aires. **Actas** [...]. Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Filosofía de la Educación, 2017. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/213>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SILVA, Alex Sander da. Fetichismo, alienação e educação como mercadoria. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 1, p. 123-139, jun. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1900>. Acesso em: 6 jul. 2025.

PUCCI, Bruno. Teoria crítica e educação: contribuições da teoria crítica para a formação do professor. **Espaço Pedagógico**, v. 8, p. 1-22, 2001.



Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

NOTAS

1 Termo elaborado e empregado por Adorno para se referir à produção em massa de cultura, especialmente por meio do rádio e da música, durante a transição do século XX.

2 O conceito de semiformação foi originalmente desenvolvido pelo filósofo para descrever a forma como a educação na sociedade capitalista tende a ser superficial, fragmentada e instrumentalizada. Adorno argumenta que a semiformação não promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia, mas sim a reprodução de ideologias dominantes e a passividade dos indivíduos (Adorno; Horkheimer, 1985; Adorno, 1995).

3 Omnilateralidade abrange a formação humana integrada na qual o indivíduo desenvolve todas as suas potencialidades e capacidades, tanto intelectuais quanto manuais, rompendo com a divisão social do trabalho que leva à unilateralidade. É uma formação social, pedagógica e ética que busca superar a alienação e a fragmentação do ser humano, promovendo uma atuação crítica e transformadora na sociedade. Portanto, “se refere sempre à ruptura com o homem limitado da sociedade capitalista [...] a omnilateralidade é uma busca da práxis revolucionária” (Lourenço, 2018, p. 1203 e 1210; ver também Silva, 2011).